

# Jovens e Educação Sexual

*Contextos, saberes e práticas*

MARIA MANUEL VIEIRA  
DUARTE VILAR  
VANESSA CUNHA  
TATIANA FERREIRA  
PAULO PELIXO  
PAULA PINTO  
ANA SAMPAIO  
DULCE GAMITO PEREIRA

OBSERVATÓRIO

ICS







# Jovens e Educação Sexual

Contextos, saberes e práticas

Maria Manuel Vieira  
Duarte Vilar  
Vanessa Cunha  
Tatiana Ferreira  
Paulo Pelixo  
Paula Pinto  
Ana Sampaio  
Dulce Gamito Pereira

ICS

Imprensa  
de Ciências  
Sociais

## Imprensa de Ciências Sociais



Instituto de Ciências Sociais  
da Universidade de Lisboa

Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, 9  
1600-189 Lisboa – Portugal  
Telef. 21 780 4700 – Fax 21 794 0274

[www.ics.ulisboa.pt/imprensa](http://www.ics.ulisboa.pt/imprensa)  
E-mail: [imprensa@ics.ul.pt](mailto:imprensa@ics.ul.pt)

*Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação*

Jovens e educação sexual : contextos, saberes e práticas / Maria Manuel Vieira ...  
[et al.] Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, ISBN 978-972-671-797-3;  
PDF: 978-972-671-799-7; EPUB: 978-972-671-798-0;  
Jovens, Educação sexual, Escola, Família, Sexualidade  
CDU316.7



© Instituto de Ciências Sociais, 2024

Este trabalho foi apoiado pela FCT – Fundação para a Ciência  
e a Tecnologia, I.P. através do projeto UIDB/04624/2020 e identificador  
DOI 10.54499/UIDB/04624/2020



*Capa:* Rui Rasquinho

*Projeto gráfico:* Aresta Criativa – Artes Gráficas, Lda.

*Revisão:* Clara Cuéllar dos Santos

*Impressão e acabamento:* Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

*Depósito legal:* 541 314/24

*1.ª edição:* dezembro de 2024.

# Índice

Índice de figuras e quadros . . . . .	11
Os autores. . . . .	15
Prefácio. . . . .	19
<i>Javier Gómez Zapiain</i>	
Introdução . . . . .	27
<i>Maria Manuel Vieira e Duarte Vilar</i>	
Capítulo 1	
<b>Um périplo pelos desafios ético-metodológicos de um projeto em contexto escolar</b>	
<i>Tatiana Ferreira</i>	
Introdução. . . . .	33
Questões éticas implicadas no processo de pesquisa. . . . .	34
Desenho metodológico e descrição da amostra . . . . .	44
Comentários finais . . . . .	51
Referências bibliográficas . . . . .	52
Capítulo 2	
<b>Jovens, agregados domésticos e comunicação sobre sexualidade e intimidade: mudanças na vida familiar e o lugar do pai na comunicação</b>	
<i>Vanessa Cunha</i>	
Introdução. . . . .	55
Comunicação entre pais e filhos: jovens, famílias e a educação sexual. . . . .	57
Mudanças na vida familiar: paternidade e agregados domésticos . . . . .	62
Com quem conversam os jovens sobre sexualidade e intimidade? . . . . .	64
Jovens, pais e comunicação sobre sexualidade: que percepções e práticas? . . . . .	67

Com quem vivem os jovens? . . . . .	73
Agregados domésticos e comunicação sobre sexualidade com a mãe e com o pai: que relação? . . . . .	78
Que lugar têm os irmãos na comunicação sobre sexualidade? . . . .	81
O que explica a comunicação sobre sexualidade com a mãe e com o pai? . . . . .	82
Comentários finais . . . . .	87
Referências bibliográficas . . . . .	94
Anexo . . . . .	99

### Capítulo 3

#### **Silêncios sociologicamente pertinentes: jovens adolescentes que não falam com ninguém sobre assuntos relacionados com sexualidade**

*Maria Manuel Vieira*

Introdução. . . . .	101
Quem são os que não falam com ninguém? . . . . .	107
Qualidade do conhecimento sobre sexualidade dos que não falam com ninguém. . . . .	110
Os que não falam com ninguém – afetos e sexualidade . . . . .	111
Comentários finais . . . . .	117
Referências bibliográficas . . . . .	118

### Capítulo 4

#### **Diferenças nos conhecimentos dos/as jovens sobre sexualidade em função da orientação sexual**

*Paulo Pelixo, Ana Sampaio, Dulce Gamito Pereira*

Introdução. . . . .	121
Metodologia . . . . .	124
Análise de dados . . . . .	125
Conhecimento sobre sexualidade: comparação entre jovens heterossexuais (H) e jovens não heterossexuais (NH) . . . . .	130
Comparação dos conhecimentos sobre sexualidade nas categorias de atração sexual do grupo dos jovens não heterossexuais (NH). . . . .	132
Comentários finais . . . . .	134
Referências bibliográficas . . . . .	136

## Capítulo 5

### **Educação sexual como prevenção de riscos? Conhecimento e práticas sexuais dos jovens adolescentes**

*Maria Manuel Vieira*

Introdução. . . . .	141
Conduitas de risco? Jovens e práticas sexuais. . . . .	143
Jovens, afetos e sexualidade. . . . .	145
O que sabem os jovens adolescentes? . . . . .	151
Mais conhecimento previne condutas de risco? . . . . .	153
Comentários finais . . . . .	162
Referências bibliográficas . . . . .	166

## Capítulo 6

### **A educação sexual na escola vista pelos jovens**

*Duarte Vilar*

Algumas notas sobre a educação sexual nas escolas . . . . .	169
A educação sexual nas escolas enquanto política educativa . . . . .	171
As políticas de educação sexual em Portugal. . . . .	172
A educação sexual nas escolas vista pelos jovens . . . . .	179
A educação sexual no 3.º ciclo do Ensino Básico . . . . .	180
A educação sexual no Ensino Secundário. . . . .	187
Comentários finais . . . . .	192
Referências bibliográficas . . . . .	193
Anexo . . . . .	195

## Capítulo 7

### **Acesso e obstáculos dos jovens a recursos de saúde sexual e reprodutiva**

*Paula Pinto*

Introdução. . . . .	201
Ajudas e recursos sobre sexualidade para os jovens. . . . .	206
Serviços . . . . .	211
Comentários finais . . . . .	218
Referências bibliográficas . . . . .	219

## Capítulo 8

### **O que mudou na educação sexual dos jovens entre 2008 e 2021?**

*Duarte Vilar*

Introdução. . . . .	221
Mudanças nas políticas de educação sexual nas escolas entre 2008 e 2021 . . . . .	222
Nota metodológica . . . . .	226
Comparando as amostras de 2008 e 2021 . . . . .	227
Comparando o conhecimento dos jovens sobre sexualidade em 2008 e em 2021 . . . . .	229
Comparando as fontes e os recursos da educação sexual em 2008 e em 2021 . . . . .	234
Educação sexual nas escolas: disciplinas e temáticas – comparando 2021 e 2008. . . . .	238
As relações afetivas e o início das relações sexuais dos jovens nos estudos de 2021 e de 2008. . . . .	241
A continuação das relações afetivas e sexuais nos estudos de 2021 e de 2008 . . . . .	244
Recurso a profissionais e a serviços em 2021 e em 2008 . . . . .	247
Comentários finais . . . . .	250
Referências bibliográficas . . . . .	254
<b>Recomendações e sugestões de intervenção . . . . .</b>	<b>257</b>

## Índice de figuras e quadros

### FIGURAS

1.1.	Escolas contactadas, por NUTS II.....	45
1.2.	Amostra de escolas.....	49
2.1.	Comunicação sobre sexualidade no último ano: interlocutores e número de temas.....	66
2.2.	Perceção de maior ou menor abertura à comunicação sobre sexualidade: mãe e pai.....	68
2.3.	Temas conversados no último ano, segundo a perceção de maior ou menor abertura à comunicação sobre sexualidade: mãe e pai.....	70
2.4.	Perceção de abertura à comunicação sobre sexualidade: mãe, pai, ambos, nenhum.....	71
2.5.	Comunicação sobre sexualidade no último ano: mãe, pai, ambos, nenhum.....	71
2.6.	Tipo de comunicação (ausente, restrita, intermédia e ampla) sobre sexualidade no último ano: mãe e pai.....	72
2.7.	Tipo de comunicação (restrita, intermédia e ampla) sobre sexualidade no último ano e número de temas abordados com a mãe e com o pai.....	73
2.8.	Pessoas que vivem com os jovens.....	75
2.9.	Agregados domésticos dos jovens: composição do núcleo parental.....	76
2.10.	Corresidência de irmãos e de outras pessoas, segundo o agregado doméstico.....	77
2.11.	Perceção de abertura à comunicação sobre sexualidade, segundo o agregado doméstico: mãe, pai, ambos, nenhum.....	78
2.12.	Comunicação sobre sexualidade no último ano, segundo o agregado doméstico: mãe, pai, ambos, nenhum.....	79

2.13.	Comunicação sobre sexualidade no último ano, segundo o agregado doméstico: mãe e pai. . . . .	80
2.14.	Comunicação sobre sexualidade no último ano com mãe e pai: diferenças entre «viver com mãe e pai» e outros agregados domésticos. . . . .	81
2.15.	Comunicação sobre sexualidade no último ano com irmãos, segundo vivem ou não vivem no mesmo agregado doméstico . . . . .	82
3.1.	Conversaram sobre... com alguém? . . . . .	104
3.2.	Pessoas com quem, no último ano, os jovens conversaram sobre assuntos de sexualidade. . . . .	105
3.3.	Temas mais populares de conversa segundo o interlocutor, no último ano . . . . .	106
4.1.	Distribuição dos/as jovens de acordo com a atração sexual . . . . .	127
4.2.	Orientação sexual dos/as jovens . . . . .	127
4.3.	Categorias de atração sexual dos/as jovens não heterossexuais . . . . .	128
5.1.	Não contando com os «namoros» da infância, já namoraste? . . . . .	146
5.2.	Idade de início do namoro . . . . .	147
5.3.	Por quem te sentes atraído/a, por sexo . . . . .	148
5.4.	E no teu caso, já tiveste relações sexuais? Sim, por sexo, ano de escolaridade e idade . . . . .	149
5.5.	Percentagem de respostas certas a cada questão. . . . .	151
5.6.	Percentagem de respostas certas, por sexo . . . . .	152
6.1.	Disciplinas e atividades intervenientes na educação sexual no 3.º ciclo . . . . .	181
6.2.	Número de temas abordados em média no 3.º ciclo . . . . .	185
6.3.	Temas abordados em pelo menos uma disciplina no 3.º ciclo . . . . .	186
6.4.	Disciplinas e atividades intervenientes na educação sexual no Ensino Secundário. . . . .	188
6.5.	Temas abordados em pelo menos uma disciplina no Ensino Secundário. . . . .	189
7.1.	A quem recorrem quando sentem necessidade de pedir ajuda para resolver uma situação/problema relacionado com a sexualidade, por interlocutor e sexo . . . . .	208

7.2.	Situação/problema que motivou o pedido de ajuda, por sexo . . . . .	210
7.3.	Utilidade da ajuda na resolução da situação/problema, por sexo . . . . .	211
7.4.	Recurso a serviços por questões relacionadas com a sexualidade, por tipo de serviço e sexo . . . . .	212
7.5.	Razão de procura do serviço, por sexo . . . . .	213
7.6.	Utilidade da ajuda na resolução da situação/problema, por sexo . . . . .	214
7.7.	Razões para nunca ter recorrido a serviços por questões relacionadas com a sexualidade, por sexo . . . . .	215
8.1.	Percentagem de respostas certas. Nível geral de conhecimentos em 2008 e em 2021 . . . . .	231

## **QUADROS**

2.1.	Comunicação sobre sexualidade: temas de conversa e interlocutores . . . . .	65
2.2.	Modelos de regressão dos preditores da comunicação com a mãe e com o pai . . . . .	84
A2.1.	Modelos de regressão logística multinominal dos preditores da comunicação com a mãe e com o pai . . . . .	99
3.1.	Caracterização sociodemográfica dos grupos de jovens NFN e FA . . . . .	108
3.2.	Qualidade do conhecimento geral sobre sexualidade, por grupo de jovens NFN e FA . . . . .	111
3.3.	Primeira experiência sexual por grupo de jovens NFN e FA . . .	113
5.1.	A primeira vez, por sexo, idade média, parceiros e sentimentos	150
5.2.	Grau de conhecimento geral sobre sexualidade, por características sociodemográficas . . . . .	154
5.3.	Grau de conhecimento sobre métodos contraceptivos, infeções sexualmente transmissíveis e corpo, sexualidade e sentimentos, por características sociodemográficas. . . . .	155
5.4.	Primeira experiência sexual, por grupos de conhecimento geral sobre sexualidade. . . . .	158
5.5.	Atividade sexual, relacionamento e última relação sexual, por grupos de conhecimento geral sobre sexualidade . . . . .	161

*Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas*

6.1.	Temas de educação sexual abordados por disciplina e outras atividades no 3.º ciclo . . . . .	182
6.2.	Temas de educação sexual abordados por disciplina e outras atividades no Ensino Secundário . . . . .	190
A6.1.	Enquadramentos legais e regulamentares sobre direitos sexuais e reprodutivos, e sobre educação para a sexualidade em contexto educativo . . . . .	195
8.1.	Temas de conversa segundo o interlocutor . . . . .	236

## Os autores

**Ana Sampaio** é professora (aposentada) do Departamento de Matemática da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora, investigadora do Centro de Investigação em Matemática e Aplicações (CIMA-UE) e do Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento (CEsA/ISEG) do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa; autora de diversos trabalhos do âmbito da Estatística Aplicada, publicados em revistas e livros da especialidade.

**Duarte Vilar** é sociólogo, e é investigador e diretor do Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS). Foi diretor executivo da Associação para o Planeamento da Família entre 1988 e 2017. Ao longo da sua carreira profissional e científica os seus temas de estudo centrais foram a sexualidade, os comportamentos sexuais e a saúde sexual e reprodutiva, tendo investigado questões como o uso de contraceptivos, as escolhas reprodutivas de mulheres e homens, a gravidez na adolescência e a educação sexual nas escolas e nas famílias. Foi um dos autores do estudo de 2008 «Educação Sexual dos Jovens Portugueses – Conhecimento e Fontes».

**Dulce Gamito Pereira** é professora associada do Departamento de Matemática da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora. A sua investigação centra-se no âmbito da estatística aplicada a diversas áreas científicas (delineamento experimental, estatística multivariada e estatística robusta), com diversos artigos publicados em revistas científicas. É membro do Centro de Investigação em Matemática e Aplicações da Universidade de Évora (CIMA-UE), desde 1999. É membro do conselho editorial da revista *Biometrical Letters*.

**Javier Gómez Zapiain** é professor titular de Psicologia da Sexualidade na Universidade do País Basco. Possui vasta pesquisa e publicação nas áreas da sexualidade adolescente-juvenil, vinculação e sexualidade em adultos e Igreja e sexualidade. Foi investigador responsável pelo Programa de Educação Afetivo-Sexual Uhin Bare (2000) para o ensino secundário obrigatório, a pedido da Comissão Mista de Educação – Saúde do Governo do País Basco. Galardoado com o prémio de Excelência e Inovação em programas governamentais de educação sexual pela World Association for Sexual Health (WAS) (2013).

**Maria Manuel Vieira** é socióloga e investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, onde coordenou o Observatório Permanente da Juventude entre 2011 e 2023. Os seus interesses de pesquisa e de publicação situam-se nas áreas da educação, juventude e família. Tem coordenado ou integrado projetos sobre jovens adolescentes em contexto escolar, percursos escolares no ensino superior, jovens NEEF, políticas públicas dirigidas a jovens. Foi investigadora visitante na Universidade de Brasília e na Universidad Autonoma de Chile.

**Paula Pinto** é licenciada em Psicologia Clínica pela Universidade de Coimbra. Psicóloga na Associação para o Planeamento da Família (APF) com vasta experiência na área da educação sexual e saúde sexual reprodutiva. Detém o título de terapeuta sexual conferido pela Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica. Tem especialidade em Psicologia Clínica e da Saúde e especialidades avançadas em Sexologia e Psicoterapia pela Ordem dos Psicólogos Portugueses.

**Paulo Pelixo** é psicólogo com interesse em saúde e direitos sexuais e reprodutivos, nomeadamente, das pessoas LGBTI+. Tem vindo a realizar investigação e intervenção clínica e comunitária nesta área com diferentes públicos-alvo, tendo colaborado com várias organizações da sociedade civil. Atualmente, é doutorando em Psicologia na Universidade de Évora.

**Tatiana Ferreira** é socióloga e professora adjunta convidada da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. Entre 2015 e 2023 foi assessora de coordenação do Observatório Permanente

da Juventude, no ICS-ULisboa, onde participou em diversos projetos de investigação sobre políticas públicas de juventude em Portugal, a nível nacional e local, e na Europa. Investiga, na área da juventude, as formas de transição para a vida adulta, educação, empregabilidade, mercado de trabalho e políticas públicas. É vice-presidente e membro efetivo da EURYO-European Rural Youth Observatory.

**Vanessa Cunha** é socióloga e investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, onde investiga as mudanças na vida familiar no pano de fundo das transformações mais vastas da sociedade portuguesa: decisões reprodutivas e parentalidade, conciliação família-trabalho e políticas públicas, igualdade de género e masculinidades. Coordenou o Observatório das Famílias e das Políticas de Família entre 2018 e 2023 e atualmente integra a equipa coordenadora do novo observatório do ICS-ULisboa Observatório Sociedade em Mudança (OSeM). É sócia da Associação para o Planeamento da Família, tendo pertencido aos órgãos sociais de 2015 a 2024.

Maria Manuel Vieira

## Capítulo 5

# Educação sexual como prevenção de riscos? Conhecimento e práticas sexuais dos jovens adolescentes

## Introdução

A defesa da implementação de uma educação para a sexualidade começa a fazer caminho em muitos países na segunda metade do século xx, fortemente associada a diretivas propostas por organismos internacionais de referência ligados à saúde e à educação – a Organização Mundial da Saúde (OMS), no primeiro caso, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no segundo –, aos quais se aliam instituições europeias como a Comissão Europeia e o Conselho da Europa.<sup>1</sup> Pretende-se, com a transmissão de um conjunto de conhecimentos biomédicos relativos ao corpo e à sexualidade, promover o planeamento familiar e melhorar a saúde sexual e reprodutiva da população (Vilar 2009).

No caso específico da população jovem, a promoção de literacia relativa aos métodos contraceptivos<sup>2</sup> é tida como a melhor estratégia para contrariar eficazmente fenómenos tidos à época como problemáticos, como sejam a gravidez adolescente e a interrupção voluntária da gravidez (IVG) (Brigadeiro 2010; Carvalho 2018; Dinis 2018).

---

<sup>1</sup> A autora agradece a Jorge Rodrigues da Silva pela preciosa colaboração nos procedimentos estatísticos desenvolvidos neste capítulo e a Tatiana Ferreira pela elaboração de gráficos e figuras. O texto beneficiou ainda com os comentários da Vanessa Cunha.

<sup>2</sup> Para além dos métodos tradicionais, a pílula contraceptiva surge no mercado no início dos anos 1960, sendo comercializada em Portugal a partir de 1962 (Alves 2014).

A crença numa relação causal entre conhecimento e comportamentos saudáveis irá mais tarde, já nas décadas de 1980 e 1990, aquando da irrupção do VIH/Sida, justificar as campanhas públicas de alerta para o risco de contágio de infeções sexualmente transmissíveis (IST) e reforçar o argumento dos que defendem a introdução da educação sexual nas escolas. Para muitos, os jovens são mais vulneráveis a comportamentos de risco, pelo que importa oferecer-lhes ferramentas e promover competências necessárias para que possam realizar «escolhas informadas e seguras sobre a sua vida sexual» (Lei n.º 60/2009, art.º 2.º). A noção de segurança prepondera face à ameaça de riscos, quer para o próprio, quer para o(s) parceiro(s), quer ainda para a saúde pública.

Mais recentemente, o discurso relacionado com a sexualidade conhece novas prioridades. Acompanhando os processos de «individualização reflexiva» (Beck, Giddens e Lash 2000; Schehr 2002) presentes nas sociedades contemporâneas, a busca da autenticidade e a afirmação de uma singularidade identitária e corpórea é reivindicada como dimensão fulcral da sexualidade. Assim, ao paradigma biomédico fundacional da educação para a sexualidade, assente na relação entre conhecimento e prevenção, acrescenta-se nos últimos anos uma dimensão psicossocial da saúde sexual, que integra os aspetos sociais e comportamentais dos indivíduos-utentes (Martins 2023) e que tem como preocupação central o bem-estar de cada um (Carvalho e Figueiredo 2012). Neste caso, as questões da identidade de género e da discriminação com base na orientação sexual assumem renovado protagonismo no contexto da educação sexual (Carvalho e Figueiredo 2012).

Com base no inquérito que serviu de base a este estudo, pretendemos neste capítulo perceber se conhecimento sobre sexualidade é sinónimo de práticas preventivas de riscos ou se os comportamentos sexuais dos jovens se pautam por outros critérios na hora da experiência sexual. Neste caso, o nosso propósito será compreender tais critérios do ponto de vista dos jovens inquiridos.

Iniciamos este capítulo com algumas considerações sociológicas a propósito do tema do risco e das práticas sexuais dos jovens adolescentes. Prosseguimos com uma breve síntese dos dados apurados no inquérito sobre as relações afetivas e o início das relações sexuais pelos inquiridos. Passamos depois a uma análise mais detalhada da

relação entre conhecimento e práticas, de acordo com os objetivos acima referidos. No final, elaboramos uma síntese conclusiva dos principais resultados alcançados.

## **Condutas de risco? Jovens e práticas sexuais**

Na literatura académica sobre jovens, e em especial sobre jovens adolescentes, o tema do risco está frequentemente presente. A insistência na abordagem do tema parece ser, aliás, uma tendência transversal à pesquisa científica em múltiplos domínios, com crescente popularidade nas últimas décadas (Peretti-Watel 2004), consagrando as teses de Ulrich Beck (1992, 2000) quanto à qualificação das sociedades atuais como sociedades «de risco». Se o risco é, como afirma Le Breton (2018, 141), uma «parte inerente da condição humana», o que é novo, na atual «modernidade reflexiva» (Beck 2000), é a consciência («autoconfrontação») dos riscos sociais que nos ameaçam, tanto a nível global como a nível individual. Tal consciência decorre, em grande medida, da generalização do conhecimento, graças aos progressos da escolarização, o que tem gerado a proliferação de uma vasta plêiade de diplomados altamente especializados que, baseados no saber técnico, alimentam os múltiplos «sistemas periciais» da modernidade (Giddens 1994 [1991]). Ora, o reconhecimento de ameaças potenciais induz a necessidade de controlo e de prevenção das mesmas. Através de um trabalho de antecipação, recorrendo-se à elaboração de cenários de risco com vista à busca de soluções adequadas à sua mitigação ou mesmo erradicação, os «futuros» são colonizados e organizados reflexivamente no presente (Giddens 1994 [1991]).

Tal procedimento parece inspirar o chamado «paradigma epidemiológico» (Peretti-Watel 2004; Gausson, Palierne e Le Minor 2016). Utilizado originalmente em Medicina, este paradigma parece ter-se generalizado a outras áreas do saber, aplicando-se nomeadamente ao estudo de riscos causados por comportamentos humanos. Este modelo fundamenta-se numa estreita associação entre «investigação e prevenção», «dando primazia à previsão em detrimento da compreensão» (Peretti-Watel 2004, 104). Por seu turno, a crescente popularidade dos estudos sobre comportamentos de risco, em múltiplos domínios científicos, parece ter gerado uma verdadeira inflação de categorias de

comportamentos considerados de risco – dos consumos psicotrópicos às ações conducentes às alterações climáticas, das crises financeiras ao absentismo escolar, para mencionar apenas alguns –, o que provoca uma inequívoca polissemia e ambiguidade no uso deste conceito.

Os jovens adolescentes são particularmente visados nos estudos sobre risco e condutas de risco. Por um lado, sendo considerados mais vulneráveis – ao que acresce o seu estatuto de dependentes menores –, são frequentemente categorizados como estando genericamente «em risco», o que apela à necessidade de uma intervenção social que reverta essa condição. Por outro lado, esta idade da vida pauta-se pela progressiva autonomização relativa dos jovens face à tutela do mundo adulto expressa numa intensa descoberta e participação no espaço público, ancorada no grupo de pares. Em pleno processo de crescimento e de amadurecimento (Pappámikail 2013), a descoberta de si constrói-se fortemente apoiada no coletivo grupal, arriscando-se novas experiências e, por vezes, explorando-se os seus próprios limites (Le Breton 2002, 2010). Esta ética da experimentação adolescente confunde e inquieta a sociedade adulta, que nela vislumbra uma potencial ameaça, associando esta idade da vida a práticas que colocam em risco a saúde (individual e pública) e, por vezes, a própria vida destes jovens protagonistas.

No entanto, no que concerne às condutas classificadas como de risco, como de resto nas demais práticas sociais, comportamento objetivo e significado subjetivo do mesmo podem não coincidir (Schehr 2002). Com efeito, arriscar comportamentos que envolvem uma certa dose de risco pode nem sempre ser percebido como ameaça, mas sim como «fonte de autoexaltação e de intenso prazer» (Le Breton 2018, 144). Desenvolvidas habitualmente em contextos de lazer, as consideradas condutas de risco entendidas como «comportamentos deliberadamente e ostentatoriamente perigosos para si próprios e para os outros» (Rabot 2011, 108) podem significar, na perspetiva dos jovens, um (auto)desafio, uma vontade de viver com intensidade, um «antídoto ao processo de securização da vida» (Rabot 2011, 108) prevalente na modernidade; ou um fator de sociabilidade – ou mesmo um «rito de passagem» (Van Gennep 1909) –, dado que a vivência de um acontecimento excepcional (envolvendo a transgressão de normas e interditos da sociedade adulta, por exemplo), quando partilhado, promove o reforço

de sentimentos comuns «que dão vida aos diferentes grupos sociais e garantem a sua coesão» (Rabot 2011, 113).

Não obstante, nem todas as condutas adolescentes consideradas «de risco» são intencionais. O desencontro representa, uma vez mais, diferentes entendimentos do mesmo ato: enquanto sujeitos reflexivos, os jovens podem não se rever nas categorias sociais em que peritos e investigadores os tentam encaixar. Da mesma forma, quando condutas adolescentes qualificadas (pelos adultos/investigadores) como «de risco» são negadas enquanto tal pelos próprios, isso não significa necessariamente que os jovens-adolescentes desconheçam as suas consequências, mas sim que a sua interpretação e justificação dos comportamentos seguem outros critérios e diferem das dos adultos (Peretti-Watel 2002).

## **Jovens, afetos e sexualidade**

O processo de individualização em curso na contemporaneidade imprime novos contornos às relações afetivas e à intimidade, uma vez que atomiza os coletivos tradicionais, multiplica os mundos sociais em que se circula e, nessa medida, amplifica, pelo menos potencialmente, as ocasiões para o indivíduo experimentar novas possibilidades de escolha. Este contexto mais plural é menos favorável à aceitação de compromissos e estatutos definitivos, de papéis prescritos e de situações irreversíveis.

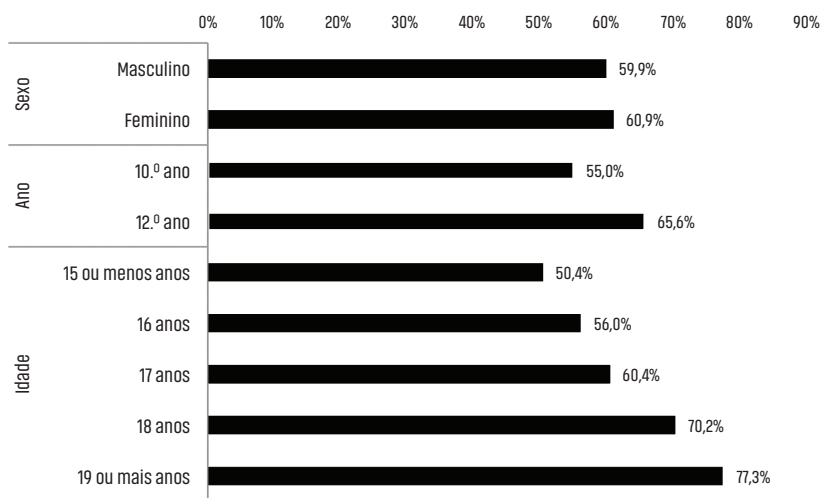
No caso dos jovens, a exploração do mundo faz-se predominantemente através de uma ética experimentalista, o que não deixa de fora, também, os relacionamentos amorosos. Em (re)criação contínua, num processo incessante de testagem e de conhecimento de si, os jovens vão fazendo e refazendo afetos ao sabor das sucessivas identidades de que provisoriamente se reclamam ao longo da sua turbulenta vivência em tempo de crescimento e amadurecimento.

A entrada num relacionamento amoroso (o «namoro») constitui um «momento crítico» (Holland e Thomson 2009) da adolescência. Mais do que constituir um evento resultante de uma escolha puramente racional, com avaliação das suas consequências futuras, na linha do «fateful moment» de Giddens (1994 [1991]), trata-se aqui de um acontecimento que, para o próprio (e para o investigador que

o capta), exerce um importante impacto na vida e na identidade do indivíduo (Holland e Thomson 2009, 455).

O namoro é frequentemente precursor do início da atividade sexual, pelo que no nosso estudo quisemos conhecer em que momento biográfico ocorre. Colocados perante a pergunta: «Não contando os “namoros” da infância, já namoraste?», a maioria dos inquiridos respondeu já ter namorado/a (60,5%), não sendo significativa a diferença entre rapazes (59,9%) e raparigas (60,9%). Como seria previsível, a proporção dos que já namoraram aumenta com a idade (Figura 5.1).

**Figura 5.1 – Não contando com os «namoros» da infância, já namoraste?**

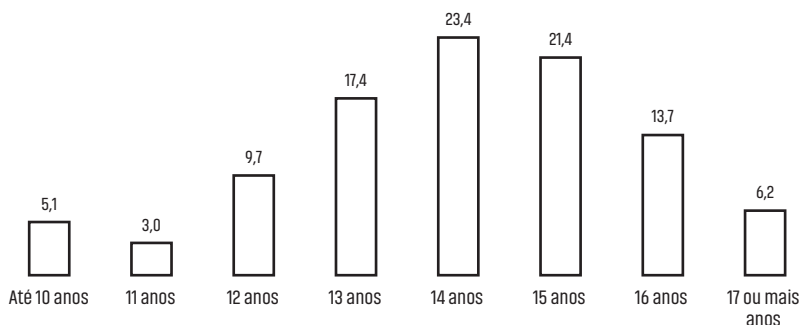


Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021)

Créditos: Tatiana Ferreira

Já quanto à questão «Que idade tinhas quando começaste a namorar pela primeira vez?», constata-se que grande parte inicia o seu relacionamento entre os 14 anos (23,5%) e os 15 anos (21,5%) (Figura 5.2). É, pois, com a puberdade, que se estabelecem os primeiros compromissos amorosos, ensaio geral de um rito de passagem que aproxima os adolescentes da adultez.

Figura 5.2 – Idade de início do namoro



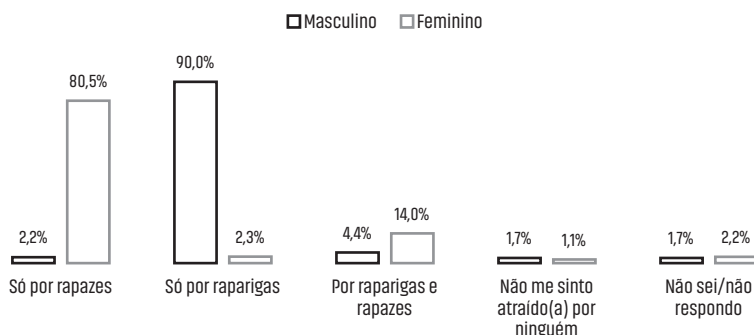
Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021).

Créditos: Tatiana Ferreira

É também nesta altura que se exploram identidades de género e, muitas vezes, se assumem orientações sexuais. No caso dos inquiridos, a grande maioria declara sentir-se atraída por jovens do sexo oposto, mais os rapazes (90%), aliás, do que as raparigas (80,5%), com um subgrupo de respondentes femininas (14%) a indicar serem atraídas por pessoas de ambos os sexos (Figura 5.3). Apesar de a declaração de se «sentir atraída/o» dever ser interpretada com precaução, uma vez que pode adquirir contornos polissémicos (cf. capítulo 3), estes resultados, se tomados como um *proxy* de «atração sexual», vão ao encontro de um estudo recente sobre jovens em Portugal (Sagnier e Morell 2021), com representatividade nacional da população residente dos 15 aos 34 anos, cujos resultados mostram uma proporção maior de mulheres (6%), face aos homens (2%), a declarar a sua bissexualidade.

A atração pelo outro tenderá a materializar-se sexualmente através das primeiras experiências de iniciação sexual. As respostas à questão («E no teu caso, já tiveste relações sexuais?») demonstram que a maioria dos jovens inquiridos afirmam não ter tido ainda relações sexuais (63,3%). As razões para tal são variadas, mas mais de 2/3 (68%) indicam uma resposta reveladora de exigência na seleção da pessoa com

Figura 5.3 – Por quem te sentes atraído/a, por sexo



Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021)

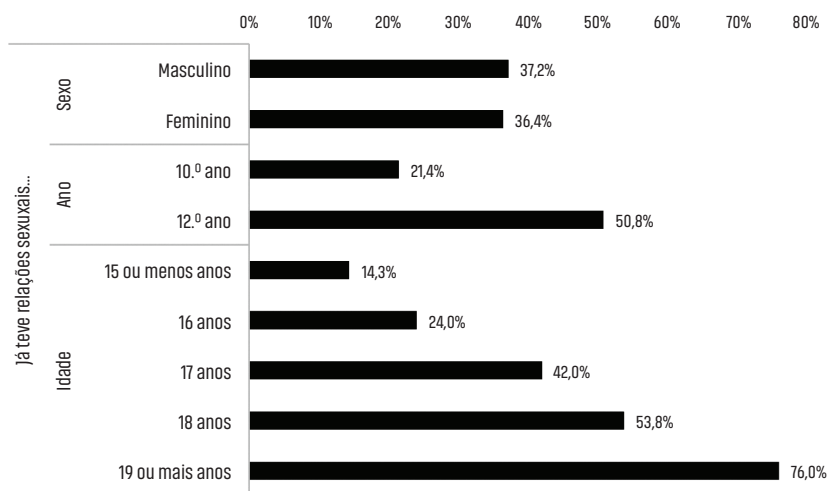
Créditos: Tatiana Ferreira

quem se pretende iniciar a vida sexual – «não encontre ainda o/a parceiro/a ideal/adequado/a» –, o que contraria pré-noções expressas por alguns adultos quanto aos riscos de uma suposta sexualidade precoce e leviana atribuída à generalidade dos adolescentes. Na verdade, àquele motivo acrescentam-se outros dois, reveladores de um certo controlo exercido sobre si, na forma de regulação e de modelação de impulsos, expressão de um processo civilizacional de longa duração (Elias 1987) – «tens vontade, mas nunca tiveste oportunidade» (21%) –, ou na forma de uma reflexividade sobre o corpo – «tens medo de engravidar» (9%) – e, justamente, expressão da consciência do risco de uma gravidez não desejada.

Por sua vez, de entre os 36,7% de jovens que declararam já ter tido uma experiência sexual, não se vislumbram diferenças significativas entre rapazes e raparigas, mas sim entre jovens de diferentes grupos etários. À medida que se avança na idade, proporcionalmente mais inquiridos referem já ter tido relações sexuais, de um mínimo de 14,3% entre os jovens de 14-15 anos e um máximo de 76% entre aqueles que possuem 19 ou mais anos (Figura 5.4).

As circunstâncias em que ocorre e a qualidade dessa primeira experiência são elementos importantes a aferir. Constata-se, neste caso, que a iniciação sexual se desenrola no quadro de uma relação afetiva (namoro) que envolve um certo compromisso, mesmo que

**Figura 5.4 – E no teu caso, já tiveste relações sexuais? Sim, por sexo, ano de escolaridade e idade (%)**



Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021)



Créditos: Tatiana Ferreira

provisório. O «namorado» é o parceiro preferencialmente escolhido para esse momento, embora com maior predominância no caso das raparigas (Quadro 5.1). Um/a «amigo/a» é também uma opção, mas indicada a grande distância do/a namorado/a. Importa aqui reafirmar que as classificações sociais propostas pelos investigadores nos seus instrumentos de pesquisa podem não ser aceites e/ou interpretadas da mesma forma pelos sujeitos investigados. Tal poderá ser o caso no uso do termo «amigo/a». Polissémico, como tanto outros termos retirados da linguagem comum, esta fórmula de nomeação pode divergir no significado que a ela conferem adultos e adolescentes. Machado Pais constatou, na sua pesquisa *Sexualidades e Afectos Juvenis*, que os jovens, ao se referirem a amigo ou amiga «especial», podem estar a nomear «alguém com quem se “anda”, mas que não tem um vínculo formalmente mais comprometido» (Pais 2012, 35), o que neste caso confere um carácter não necessariamente aleatório à escolha do parceiro com quem se partilha uma primeira experiência sexual.

Aquando desta iniciação, os dois sexos exprimem sentimentos relativamente diversos: as raparigas partilham com os seus congéneres

masculinos nervosismo e satisfação, embora em proporções distintas, mas divergem dos seus pares por experimentarem igualmente dor (22,4%), ao passo que os rapazes parecem retirar genericamente desse momento mais excitação e prazer. Talvez por pressão do parceiro, ou por pressão normativa do grupo de pares, as jovens inquiridas declararam em maior proporção (11,1%) ter-se sentido pressionadas para ter relações sexuais.

**Quadro 5.1 – A primeira vez, por sexo, idade média, parceiro e sentimentos (%)**

	 36%	 37%
A primeira vez		
Quando?	15,5 anos	15,4 anos
Com quem?	Namorado – 75,5% Amigo – 14,3%	Namorada – 63,3% Amiga – 20,6%
O que sentiste?	Nervosismo – 37,9% Dor – 22,4% Satisfação – 17,8%	Satisfação – 36,4% Nervosismo – 28,8% Excitação – 20,6%
Sentiste-te pressionado/a para ter relações sexuais?	Sim – 11,1%	Sim – 6,9%
Foi também a primeira vez do(a) teu(tua) parceiro(a)?	Sim – 52,2%	Sim – 60,7%

Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021)

Créditos: Tatiana Ferreira

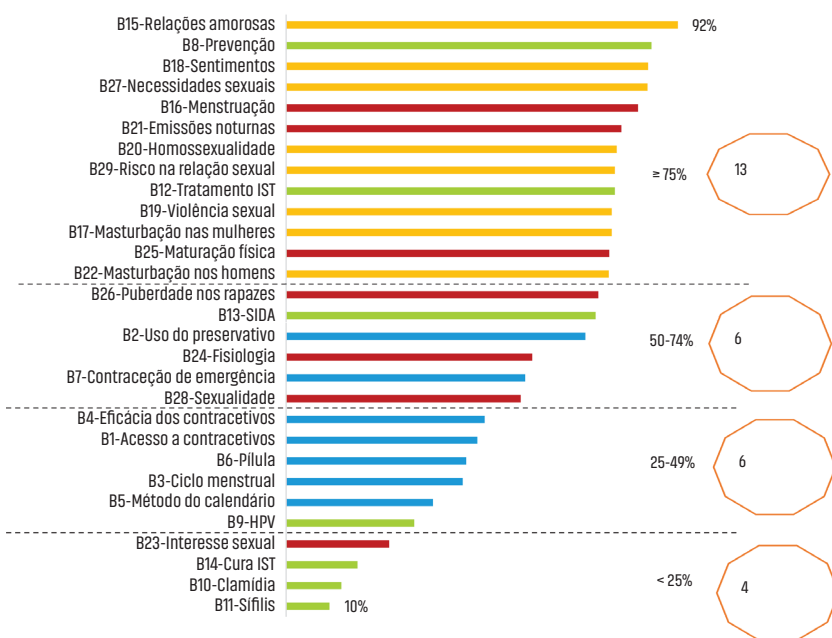
A ponderação com que a generalidade dos inquiridos encaram o início da sua vida sexual parece supor a posse de alguns instrumentos de informação que lhes permitem tomar decisões fundamentadas. Vejamos, então, o que os jovens declaram conhecer.

## O que sabem os jovens adolescentes?

Como foi referido no Capítulo 1, o questionário em que se baseou o primeiro estudo «A educação sexual dos jovens portugueses – conhecimento e fontes» continha um conjunto de questões destinadas a apurar os conhecimentos dos jovens inquiridos sobre várias dimensões relativas à sexualidade: dois blocos de questões com temáticas de inspiração biomédica (métodos contraceptivos e infeções sexualmente transmissíveis) e dois blocos de perguntas mais próximos de uma abordagem psicossocial da saúde sexual (corpo, sexualidade e sentimentos).

Replicado o questionário em 2021, contata-se que, de uma forma global, os jovens inquiridos manifestam um maior conhecimento (medido pela percentagem de respostas certas a cada pergunta) nas temáticas relativas à sexualidade e sentimentos e ao corpo (Figura 5.5).

Figura 5.5 – Percentagem de respostas certas a cada questão



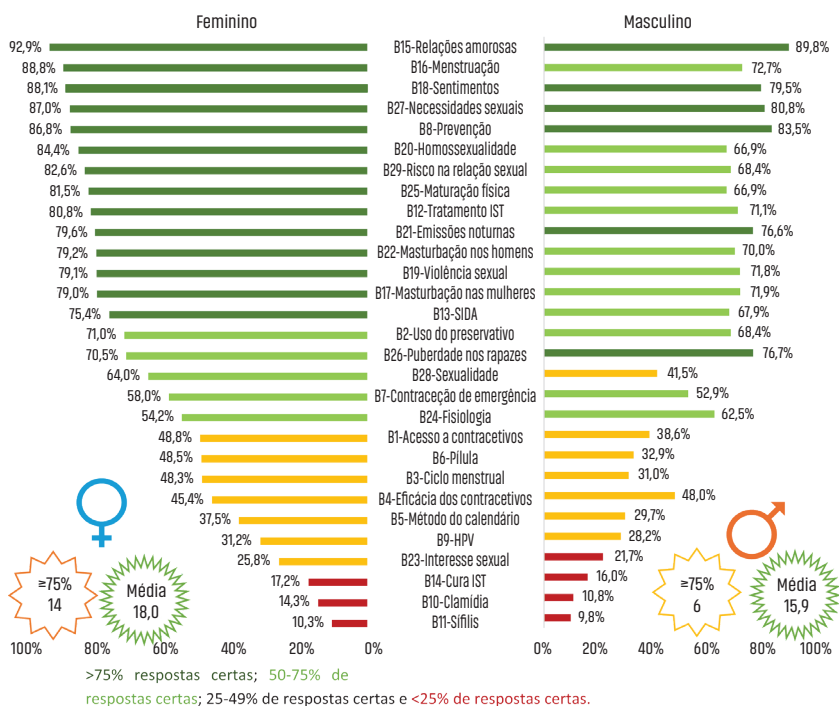
Legenda: Sexualidade e Sentimentos; Corpo; Infeções sexualmente transmissíveis; Métodos contraceptivos.

Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021)

Créditos: Tatiana Ferreira

A pertinência atribuída por estes adolescentes aos aspetos relacionais e emocionais da sexualidade reflete-se na sua familiaridade com os oito temas inquiridos na dimensão «sexualidade e sentimentos» (relações amorosas; masturbação nas mulheres; sentimentos; violência sexual; homossexualidade; masturbação nos homens; necessidades sexuais; risco na relação sexual), onde se concentra a maior proporção de respostas certas (75% ou superior). Do lado oposto, evidenciando um maior desconhecimento (sinónimo de eventual desinteresse?) por parte destes jovens, encontram-se os saberes técnico-científicos relativos a métodos contraceptivos (acesso a contraceptivos; uso do preservativo; ciclo menstrual; eficácia dos contraceptivos; método do calendário; pílula; contraceção de emergência) e a infeções sexualmente transmissíveis (prevenção; HPV; clamídia; sífilis).

Figura 5.6 – Percentagem de respostas certas, por sexo



Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021)

Créditos: Tatiana Ferreira

sífilis; tratamento IST; SIDA; cura IST), com percentagens de respostas certas francamente mais baixas.

No entanto, verificam-se especificidades que importa sublinhar: as raparigas evidenciam um maior conhecimento relativo a questões de sexualidade em diversos domínios, comparativamente aos rapazes. A Figura 5.6 é, nesse aspeto, eloquente: as raparigas registam uma elevada taxa de respostas corretas (mais de 75%) em 14 perguntas, ao passo que idêntica pontuação só é atingida em menos de metade das perguntas (apenas 6), no caso dos rapazes. Porventura, existirá um paralelo com o desempenho escolar, de forma geral, estendendo-se ao domínio do conhecimento sobre sexualidade disposições análogas às aplicadas aos demais domínios de investimento escolar, com as alunas a demonstrarem um maior foco nos estudos e a obterem melhores resultados académicos face aos seus congéneres masculinos (Ribeiro 2007).

## **Mais conhecimento previne condutas de risco?**

Com o objetivo de apurar se se verifica entre os jovens inquiridos o paradigma epidemiológico, ou seja, uma relação entre conhecimento e prevenção de condutas sexuais consideradas de risco, foi inicialmente criada uma escala que define o seu grau de conhecimento sobre sexualidade composta por cinco categorias, de acordo com as suas respostas às 29 perguntas nas diferentes temáticas: Muito mau (0 a 5 respostas certas); Mau (6 a 10 respostas certas); Médio (11 a 15 respostas certas); Bom (16 a 20 respostas certas); Muito bom (21 a 29 respostas certas). Posteriormente, os jovens foram agregados em três grupos: 1. «Muito mau e mau conhecimento»; 2. «Médio conhecimento»; 3. «Bom e muito bom conhecimento» sobre sexualidade. Este agrupamento permite comparar estes três conjuntos de jovens com mais detalhe, recorrendo a estatísticas descritivas e a testes de associação de Qui-Quadrado (Monte Carlo). Na apresentação visual, as associações estatisticamente significativas encontram-se assinaladas com as células a cinzento, para maior destaque.

Iniciamos a análise com o apuramento da qualidade do conhecimento sobre sexualidade tendo em conta as características

sociodemográficas dos jovens respondentes (Quadro 5.2). Os resultados mostram existir associações estatisticamente significativas entre a variável sexo e o grau de conhecimento geral sobre sexualidade, confirmando a tendência já anteriormente assinalada: os rapazes estão associados a «Mau ou Muito mau» conhecimento, ao passo que as raparigas exibem uma relação positiva (ao nível do «Bom ou Muito bom») com o conhecimento sobre sexualidade.

**Quadro 5.2 – Grau de conhecimento geral sobre sexualidade, por características sociodemográficas**

Características sociodemográficas		Mau e Muito mau		Médio		Bom e Muito bom	
		N	%	N	%	N	%
<b>Sexo</b>	Masculino	123	58	258	53	546	35
	Feminino	89	42	233	47	1027	65
<b>Grupo etário</b>	14-16 anos	96	45	277	56	632	40
	17-18 anos	99	46	174	35	848	54
	19 ou mais anos	19	9	40	8	94	6
<b>Escolaridade parental mais elevada</b>	Ensino Básico	68	34	133	28	394	25
	Ensino Secundário	59	29	171	35	561	36
	Ensino Superior	75	37	178	37	596	38

Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021)

Já no que concerne à relação entre a qualidade do conhecimento e o capital cultural de origem, medido pelo *proxy* «escolaridade parental mais elevada», não se registam associações estatisticamente significativas, embora a proporção dos inquiridos cujo progenitor possui como habilitação escolar mais elevada o Ensino Básico decresça à medida que se eleva o grau de conhecimento geral sobre sexualidade demonstrado pelos jovens.

Se este é o panorama global, um olhar mais atento sobre cada bloco de conhecimentos apurados (métodos contraceptivos; infeções sexualmente transmissíveis; corpo; sexualidade e sentimentos) permite identificar algumas especificidades adicionais (Quadro 5.3).

**Quadro 5.3 – Grau de conhecimento sobre métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e corpo, sexualidade e sentimentos, por características sociodemográficas**

Grau de conhecimento sobre métodos contraceptivos							
Características sociodemográficas		Mau e Muito mau		Médio		Bom e Muito bom	
		N	%	N	%	N	%
Sexo	Masculino	376	52	372	38	179	32
	Feminino	348	48	615	62	386	68
Grupo etário	14-16 anos	394	54	435	44	176	31
	17-18 anos	290	40	473	48	358	63
	19 ou mais anos	46	6	77	8	30	5
Escolaridade parental mais elevada	Ensino Básico	209	30	254	26	132	24
	Ensino Secundário	231	33	369	38	191	34
	Ensino Superior	266	38	347	36	236	42

Grau de conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis							
Características sociodemográficas		Mau e Muito mau		Médio		Bom e Muito bom	
		N	%	N	%	N	%
Sexo	Masculino	350	50	499	37	75	33
	Feminino	351	50	836	63	162	68
Grupo etário	14-16 anos	356	51	575	43	74	31
	17-18 anos	282	40	690	52	149	63
	19 ou mais anos	65	9	74	6	14	6
Escolaridade parental mais elevada	Ensino Básico	187	27	350	27	58	25
	Ensino Secundário	230	34	495	38	66	28
	Ensino Superior	268	39	469	36	112	47

Grau de conhecimento sobre corpo, sexualidade e sentimentos							
Características sociodemográficas		Mau e Muito mau		Médio		Bom e Muito bom	
		N	%	N	%	N	%
Sexo	Masculino	91	68	134	51	482	42
	Feminino	43	32	129	49	658	58
Grupo etário	14-16 anos	53	39	141	53	539	47
	17-18 anos	66	49	98	37	534	47
	19 ou mais anos	17	13	25	9	69	6
Escolaridade parental mais elevada	Ensino Básico	40	31	83	33	313	28
	Ensino Secundário	39	31	82	32	379	34
	Ensino Superior	48	38	90	35	433	38

Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021)

As raparigas continuam a evidenciar uma relação positiva entre um «Bom ou Muito bom» conhecimento e os três domínios acima considerados, quer envolvam saberes de tipo biomédico (métodos contraceptivos e infeções sexualmente transmissíveis) ou psicossociais (corpo, sexualidade e sentimentos), em contraste com os seus colegas masculinos, que protagonizam uma associação entre um «Mau e Muito mau» nível de conhecimentos em todos os tipos de saberes considerados.

A idade revela-se, igualmente, um fator diferenciador no que toca à qualidade dos conhecimentos demonstrada. Um mau conhecimento está associado aos inquiridos mais jovens (14-16 anos), ainda em exploração iniciática no terreno da sexualidade e das suas diferentes vertentes, mas também aos inquiridos mais velhos (19 ou mais anos), cuja idade tardia de frequência do Ensino Secundário, onde os inquiridos foram captados, será indiciadora de retenções na sua escolaridade e de desafeição face a conteúdos académicos, alguns dos quais compõem o lote de conhecimentos avaliados no questionário do estudo. Em contraste, os jovens em idade normal de frequência do Ensino Secundário (17-18 anos), sem episódios de insucesso académico, associam-se a muito bom conhecimento nas temáticas de pendor mais biomédico.

O nível de escolaridade parental exerce também um forte impacto na qualidade dos conhecimentos dos filhos, com associação estatisticamente significativa no caso das temáticas que remetem para saberes biomédicos. Parecem evidenciar-se aqui fatores de reprodução cultural bem conhecidos no âmbito escolar (Bourdieu e Passeron s. d.).

Não sendo certamente a única fonte de informação a que os jovens adolescentes recorrem em matéria de sexualidade, estes resultados parecem sublinhar, sem embargo, a relevância que a educação escolar parece (também) exercer no domínio dos conhecimentos sobre sexualidade, expressa quer no diferencial de investimento escolar por parte das raparigas, quer na importância de uma trajetória académica de sucesso, quer ainda no usufruto de ambientes familiares mais próximos da cultura escolar.

Constatou-se uma forte relação entre a qualidade do conhecimento sobre sexualidade e algumas características sociodemográficas dos inquiridos. Importa agora apurar de que modo a qualidade do conhecimento, desdobrada nos três graus atrás identificados («Bom e

Muito bom»; «Médio»; «Mau e Muito mau»), se manifesta em termos de práticas sexuais.

A primeira experiência sexual/coital constitui um verdadeiro rito de passagem, um momento mais ou menos aguardado de rutura com o ser pueril e virginal herdado da infância e de assunção de uma sexualidade adulta plena. Se, como se viu, grande parte dos inquiridos declararam não ter ainda iniciado a sua vida sexual, mantendo-se essa resposta no desdobramento relativo à qualidade dos seus conhecimentos gerais sobre sexualidade, verifica-se, no entanto, serem os jovens com melhores conhecimentos a terem iniciado a sua vida sexual (Quadro 5.4). Contudo, a decisão quanto ao momento em que tal ocorre pode ser livre ou, pelo contrário, condicionada por parte de outrem. Questionados sobre se nessa primeira vez se sentiram pressionados a ter relações sexuais, verifica-se uma associação entre uma resposta algo hesitante e ambígua («não sei/não me lembro») e os jovens que possuem um «Mau e muito mau» conhecimento geral sobre sexualidade. Tendência idêntica, e ainda mais assertiva, verifica-se no caso de ser o próprio a pressionar o/a parceiro/a para ter relações sexuais: na resposta à questão «Pressionaste essa pessoa para ter relações sexuais?» ao «não sei/não me lembro» soma-se ainda o «sim». Pelo contrário, os jovens com «Bom e Muito bom» conhecimento sobre sexualidade afirmam não ter pressionado ninguém.

Os resultados globais apurados neste estudo indicam que a grande maioria dos jovens inquiridos (83,7%) tomaram precauções no sentido de evitar uma gravidez na primeira relação sexual (Ferreira *et al.* 2022). Mas igualmente, neste caso, um maior conhecimento sobre sexualidade parece propiciar também práticas preventivas face à consciência de riscos potenciais que possam ocorrer nesse ato. Com efeito, verifica-se uma associação estatisticamente positiva entre os jovens com «Bom ou Muito bom» conhecimento com respostas a indicarem ter tomado cuidados para evitar a gravidez, bem como infeções sexualmente transmissíveis. Estes cuidados, nos preliminares que antecedem esse momento de iniciação, são aliás objeto de negociação com o/a parceiro/a, evidenciando os traços de uma «sociabilidade discursiva» (Schehr 2002) baseada na construção de laços sociais através do diálogo visando o estabelecimento da confiança e, neste caso, de um compromisso envolvendo ambos os protagonistas da relação sexual.

**Quadro 5.4 – Primeira experiência sexual, por grupos de conhecimento geral sobre sexualidade**

Grau de conhecimento geral sobre sexualidade							
		Mau e Muito mau		Médio		Bom e Muito bom	
		N	%	N	%	N	%
Já tiveste relações sexuais?	Sim	59	32	147	30	615	39
	Não	126	68	340	70	953	61
Sentiste-te pressionado/a para ter relações sexuais?	Sim	6	10	10	7	33	6
	Não	46	78	132	91	536	88
	Não sei/não me lembro	7	12	3	2	13	2
Pressionaste essa pessoa para ter relações sexuais?	Sim	2	3	0	0	5	1
	Não	51	88	144	99	605	99
	Não sei/não me lembro	5	9	1	1	2	0
Antes da primeira relação sexual ter acontecido, conversaste com o teu/ tua parceiro/a sobre os modos de evitar a gravidez?	Sim	20	34	88	61	426	70
	Não	27	46	45	31	151	25
	Não sei/não me lembro	12	20	11	8	30	5
Nessa primeira vez, tomaram algum cuidado para evitar a gravidez?	Sim	42	71	119	82	521	86
	Não	11	19	25	17	81	13
	Não sei/não me lembro	6	10	2	1	7	1
Discutiste também com o teu parceiro/a a prevenção das infeções sexualmente transmissíveis?	Sim	17	29	73	52	349	58
	Não	26	45	49	35	219	36
	Não sei/não me lembro	15	26	19	13	37	6
Depois da primeira relação sexual continuaste a manter um relacionamento com aquele/a parceiro/a?	Sim, continua até hoje sem interrupções	15	26	59	42	220	36
	Separámo-nos, mas estamos juntos atualmente	0	2	6	4	22	4
	Sim, mas acabou	27	47	53	37	290	48
	Não tive depois qualquer relacionamento com ele/a	14	25	24	17	75	12

Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021)

Ao invés, os jovens com «Mau ou Muito mau» conhecimento sobre sexualidade associam as suas respostas a não saber ou não se lembrar de terem tido tais cuidados preventivos, bem como a não terem discutido com o/a parceiro/a eventuais riscos de ocorrência de uma gravidez. Tratando-se de um grupo composto sobretudo por rapazes, como se viu, até que ponto estas práticas não ilustram um padrão de comportamento culturalmente associado a uma certa «urgência» viril na efetivação do ato, que se constitui como um fator de sociabilidade e coesão grupal em certos contextos masculinos?

Tal ausência de diálogo, de negociação e de compromisso entre parceiros sexuais parece ser congruente com a resposta à última questão, que apura o grau de envolvimento amoroso estabelecido entre parceiros da iniciação sexual. Apesar de 75% dos jovens com «Mau e Muito mau» conhecimento referirem ter mantido um relacionamento com aquele/a parceiro/a, verifica-se uma associação estatística deste grupo de jovens com a resposta «Não tive depois qualquer relacionamento com ele(a)», o que configura um tipo de relação fugaz ou ocasional, desvinculada de compromissos e de laço afetivo ao outro. Pelo contrário, os jovens com «Bom ou Muito bom» conhecimento não só revelam, em maior proporção (88%) comparativamente com os anteriores, optar por respostas que evidenciam algum tipo de vínculo relacional («Sim, continua até hoje sem interrupções», «Separámo-nos, mas estamos juntos atualmente» e «Sim, mas acabou»), como se associam estatisticamente à assunção de terem continuado a manter um relacionamento com aquele/a parceiro/a posteriormente, o que evidencia uma continuidade do laço amoroso, embora essa relação já tenha, entretanto, terminado. Estes dois tipos de comportamento parecem aproximar-se do perfil de «sexualidade ocasional», no primeiro caso, protagonizado maioritariamente por rapazes – que se associam a «Mau e Muito mau» conhecimento geral sobre sexualidade –, e do perfil de «sexualidade relacional» inscrita no contexto de namoro, no segundo caso, protagonizado sobretudo por raparigas – as que se associam a «Bom e Muito bom» conhecimento, como vimos no Quadro 5.2 – segundo a tipologia proposta por Aboim (2010). Considerando o menor ou maior grau de conhecimentos como um *proxy* de rapazes e de raparigas, respetivamente, estes resultados vão ao encontro do observado por Cristina Vieira (2012) uma década antes, no seu estudo com jovens dos 17 aos 25 anos, quando constatava um

significado distinto atribuído à iniciação sexual/coital por parte de cada um dos sexos: «Nas raparigas, acontece num quadro relacional subjacente a um sentido de continuidade – por vezes com o manifesto desejo de conjugalidade. Este sentido [...] é diferentemente percebido pelos rapazes que dele se distanciam e se situam mais na experimentação» (Vieira 2012, 227-228).

Para os que já iniciaram a sua atividade sexual, as práticas posteriores revelam igualmente algum tipo de associação com o grau de conhecimento geral possuído sobre sexualidade.

Observando o Quadro 5.5, constata-se que a lógica experimentalista parece predominar entre os que possuem «Mau ou Muito mau» conhecimento geral sobre sexualidade, uma vez que se verifica uma associação estatística entre esses jovens e o facto de terem tido três ou mais parceiros/as sexuais, sendo aliás essa a situação maioritária (51%) das respostas a esta questão que este grupo de inquiridos deu. Ao mesmo tempo, constata-se um conjunto de associações que parecem reforçar essa maior volatilidade relacional, indiciando que, no caso dos jovens com menores conhecimentos, «a sexualidade tende a transformar-se numa coleção de experiências» (Pais 2012, 38) com sucessivos parceiros/as cujo fito é a busca de um momento de «excitação-prazer» (Elias e Dunning 2019 [1969]) que, eventualmente, empreste adrenalina às rotinas da vida.

Apesar de 50% dos jovens com maus conhecimentos terem declarado que a sua última relação sexual tinha sido com o seu «namorado» ou «namorada», constata-se uma associação estatística entre estes jovens e a resposta com «uma parceira ocasional» ou «outro(a)» parceiro/a que não o/a resultante de um vínculo amoroso duradouro. Talvez por isso, o sentimento que nutrem por essa pessoa não passe necessariamente por afeto, mas sim por uma relação mais instrumental: em relação ao parceiro/a, estes jovens associam-se a «só sentir excitação» ou «outro sentimento» que não o estar apaixonado/a ou gostar dessa pessoa. A urgência em levar a cabo o ato pode ser, eventualmente, a justificação para estes jovens se associarem a não saberem ou não se lembrarem se utilizaram preservativo. Tal prática estará na base de um maior risco de engravidar ou engravidar a parceira, verificando-se também que este grupo de jovens se associa a terem ficado grávidas ou a terem engravidado alguém.

**Quadro 5.5 – Atividade sexual, relacionamento e última relação sexual, por grupos de conhecimento geral sobre sexualidade**

Grau de conhecimento geral sobre sexualidade							
		Mau e Muito mau		Médio		Bom e Muito bom	
		N	%	N	%	N	%
<b>Com quantas pessoas tiveste relações sexuais ao longo da tua vida?</b>	1 parceiro/a	15	32	62	48	311	53
	2 parceiros/as	8	17	29	22	116	20
	3 ou + parceiros/as	24	51	38	29	157	27
<b>Já te aconteceu ter tido relações sexuais com outra pessoa que não o teu/tua namorado/a?</b>	Sim	24	41	61	43	221	37
	Não	34	59	81	57	383	63
<b>Alguma vez tiveste relações sexuais com pessoas do mesmo sexo?</b>	Sim	3	5	9	6	40	7
	Não	45	80	127	91	552	92
	Não sei/não respondo	8	14	3	2	5	1
<b>Alguma vez engravidaste ou engravidaste alguém?</b>	Sim	6	10	5	4	11	2
	Não	48	83	126	89	583	96
<b>Em relação ao teu/tua parceiro/a sentes que:</b>	Outro sentimento	10	17	9	6	18	3
	Estás apaixonado/a	19	58	66	68	307	81
	Gostas dele/a	3	9	17	18	44	12
	Não sentes nada de especial	2	6	3	3	10	3
	Só sentes excitação	4	12	3	3	9	2
<b>Última relação sexual: com quem foi?</b>	Outro/a	10	17	9	6	18	3
	O meu namorado	13	22	44	31	262	43
	A minha namorada	16	28	40	29	125	21
	Um ex-namorado	0	0	4	3	41	7
	Uma ex-namorada	5	9	8	6	25	4
	Um amigo	1	2	11	8	60	10
	Uma amiga	8	14	15	11	49	8
	Um parceiro ocasional	1	2	6	4	15	2
	Uma parceira ocasional	4	7	3	2	9	1
<b>Usaram preservativo?</b>	Sim	26	44	85	60	351	59
	Não	26	44	47	33	226	37
	Não sei/não me lembro	7	12	9	6	23	4

Fonte: «Jovens e educação sexual: contextos, saberes e práticas» (2021)

Por contraste, a lógica de estabilidade afetiva no relacionamento amoroso parece predominar entre os que possuem «Bom ou Muito bom» conhecimento global sobre sexualidade. Verifica-se, de facto, uma associação estatística entre este grupo de jovens e o facto de terem tido, até ao momento da inquirição, apenas um parceiro sexual. Esta exprime-se também no tipo de sentimento que nutrem pelo/a parceiro/a, com estes jovens a associarem-se a estar apaixonado/a pelo/a outro/a. Um Outro com quem se mantinha um relacionamento amoroso: inquiridos sobre quem foi o/a seu/sua parceiro/a sexual na última relação sexual, os jovens com bons conhecimentos associam-se ao/à seu/sua namorado/a ou a um/a ex-namorado/a.

No que concerne práticas preventivas de riscos decorrentes da relação sexual/coital, ainda que a maioria (59%) dos jovens deste grupo declarem que na última relação sexual usaram preservativo, o relacionamento amoroso continuado com o/a parceiro/a, prevalente neste grupo, gera uma progressiva confiança no/a outro/a que tende a dispensar cuidados adicionais preventivos (de contração de IST, por exemplo) adotados aquando da primeira relação, como se viu na tabela anterior. Esta «sexualidade relacional» alicerçada na confiança (Gómez-Bueno, González-Calo, e García de Cortázar 2022; Maia 2010), em tudo idêntica, na perspetiva dos jovens, a uma sexualidade em contexto conjugal, pode explicar o facto de 37% dos jovens deste grupo declararem não ter usado preservativo na última relação sexual, o que não significa que não tenham recorrido a outros métodos contraceptivos para evitar uma eventual gravidez indesejada.

Não é de excluir, ainda, neste como nos demais grupos, a possibilidade da existência de relações lésbicas que dispensam quer o preservativo, quer outros métodos contraceptivos.

## **Comentários finais**

A adolescência constitui um período particularmente efervescente, do ponto de vista afetivo e relacional, e exploratório, em termos de iniciação e de experiências sexuais. Por esse motivo, os jovens adolescentes são percecionados pelo mundo adulto como atores/autores de comportamentos sexuais potencialmente «de risco», seja por ingenuidade e desconhecimento (relativo a cuidados preventivos), seja por

leviandade (relacionamentos amorosos inconstantes). Esta percepção gera os argumentos para o pânico social criado em torno da sexualidade adolescente, transformada em verdadeiro problema social nas sociedades contemporâneas.

Na verdade, uma primeira constatação da análise é que a maioria dos jovens inquiridos – estudantes do Ensino Secundário, recorde-se – declaram ainda não ter iniciado uma relação sexual. Longe de visões catastrofistas adultocêntricas quanto ao carácter alegadamente irrefletido, prematuro e potencialmente de risco da sexualidade adolescente, e pese embora a amostra utilizada não ser estatisticamente representativa da população jovem residente em Portugal, este estudo aponta para práticas relativamente opostas, ou seja, para uma aparente ponderação quanto ao momento certo para iniciar uma primeira relação sexual.

Se a ética da experimentação está naturalmente presente neste período da existência, justamente quando se iniciam e se põem à prova relações amorosas e se ensaia com outrem a descoberta do corpo e do prazer, o que pode traduzir-se numa mais intensa rotatividade de relações amorosas comparativamente a etapas mais avançadas da vida, tal não significa que elas correspondam necessariamente a eventos fortuitos. Para grande parte dos jovens inquiridos que declararam já ter iniciado a sua atividade sexual, as relações sexuais parecem decorrer no contexto de escolhas afetivas relativamente criteriosas e entendidas como duradouras – embora este conceito possa assumir temporalidades diferentes para jovens e para adultos. Com efeito, a maioria destes jovens iniciam a sua atividade sexual no quadro de uma relação amorosa (com namorado/a) ou afetiva (com amigo/a). Neste caso, o «amigo/a», longe de indiciar aleatoriedade na escolha do parceiro (alguém que «está à mão»), como apressadamente o mundo adulto tenderá a julgar, pode ter um significado conotativo distinto para o jovem e representar alguém com quem se tem uma especial predileção afetiva e que inspira confiança – ainda que possa não haver necessariamente um vínculo formal explícito entre ambos. Este será, pois, mais um exemplo de que a linguagem e as classificações sociais utilizadas pelos adultos investigadores podem não se adequar aos critérios de classificação adotados pelos sujeitos em estudo – neste caso, os critérios de denominação em vigor no mundo adolescente (Pappamikail e Vieira 2017).

Tendo em conta as preocupações sociais e políticas que justificaram o apelo a uma educação para a sexualidade, o objetivo central deste capítulo era perceber se (mais) conhecimento sobre sexualidade é sinónimo de consciência de riscos e de adoção de práticas preventivas ou se os comportamentos sexuais dos jovens se pautam por outros critérios no momento da experiência sexual.

De uma forma genérica, os receios públicos concernentes ao risco de contágio de infeções sexualmente transmissíveis, por parte dos jovens, não puderam ser integralmente avaliados, uma vez que no questionário não havia perguntas sobre se algum dos inquiridos tinha contraído alguma IST. Já no que se refere ao risco de uma gravidez não desejada, os que responderam positivamente à questão «Alguma vez engravidaste ou engravidaste alguém?» constituem uma proporção bastante baixa de casos (2,7% dos que já iniciaram a sua vida sexual), embora seja de admitir que alguns destes casos possam eventualmente corresponder a uma opção legítima de gravidez desejada pelos próprios. Tratar-se-ia, aqui, do que Guerreiro e Abrantes (2004) identificaram como «transições antecipadas», um tipo de transição para a vida adulta de jovens portugueses mais frequente entre as classes desfavorecidas, correspondendo à «entrada precoce dos jovens na conjugalidade e na parentalidade, sobretudo entre as raparigas» (Guerreiro e Abrantes 2004, 158). É importante acrescentar, ainda, que a não utilização de preservativo na última relação sexual a que alguns aludem pode equivaler à confiança estabelecida na relação com o outro no quadro de uma «sexualidade relacional» que justificará, para o casal, a progressiva dispensa de cuidados tidos aquando da primeira vez ou, ainda, pode corresponder a relações lésbicas que não requerem tal uso.

De uma forma específica, e para responder à questão central deste capítulo, as operações estatísticas realizadas demonstram uma associação entre um mau conhecimento sobre vários domínios da sexualidade e práticas tidas como menos seguras, expressas em vários indicadores: da primeira vez, não houve diálogo com parceiro/a sobre modos de evitar a gravidez; não se lembrar se se tomou cuidados para evitar a gravidez ou se se discutiu com o/a parceiro/a sobre infeções sexualmente transmissíveis; a relação foi fugaz, não teve continuidade para além da primeira vez; posteriormente, houve já vários parceiros/as na relação sexual/coital e o sentimento para com o/a outro/a

é somente o de excitação ou outro não especificado; já engravidou ou engravidou alguém; a última relação sexual foi com outra pessoa que não o/a namorado/a ou amigo/a e não se lembrar de ter usado preservativo.

No polo oposto situam-se os jovens com bons e muito bons conhecimentos, a revelarem práticas de diálogo com o/a parceiro/a acerca de precauções a tomar para evitar riscos; sem ter engravidado ou engravidado alguém; a existência de um/a único/a parceiro/a até à data, namorado/a ou ex-namorado/a, pelo qual se sente apaixonado/a.

Estes resultados confirmam a existência de uma associação entre saber sobre o corpo e práticas sexuais. Embora um maior investimento escolar e, por isso, exposição a conhecimentos biomédicos e psicossociais sobre sexualidade transmitidos pela escola possam explicar as diferenças observadas, tal não garante que estes conhecimentos advenham necessariamente de uma educação sexual escolar, uma vez que, para além da família, os jovens têm hoje à sua disposição várias fontes de informação alternativas à escola a que podem recorrer. No entanto, mesmo neste caso, as competências de busca e pesquisa, bem como de planeamento e prevenção, devem muito a uma socialização escolar bem-sucedida.

Os dados deste estudo comprovam, também, que os jovens adolescentes estão longe de ser um grupo homogêneo, no que às condutas de risco diz respeito. Em sintonia com outros autores (Le Breton 2002; Vieira 2012; Gaussoit, Palierne e Le Minor 2016), a presente pesquisa indicia uma clivagem entre masculino e feminino na abordagem à sexualidade: menor prevenção de riscos na primeira relação sexual/coital e nas subsequentes, no caso do grupo dos que têm menores conhecimentos sobre sexualidade, mais associado aos inquiridos do sexo masculino; maior consciência de riscos e mais comportamentos preventivos, no grupo dos inquiridos com melhores conhecimentos, composto sobretudo por raparigas. Indo ao encontro das conclusões de Cristina Vieira (2012, 225), também neste estudo «surgem igualmente registos que evidenciam a persistência do duplo padrão de género: percepção de risco diferenciada e uma moral feminina que determina condutas disciplinadoras e de responsabilização».

## Referências bibliográficas

- Aboim, Sofia. 2010. «Sexualidade e estilos de vida: comportamentos sexuais, risco e prevenção». In *Sexualidades em Portugal. Comportamentos e Riscos*, org. Pedro Moura Ferreira e Manuel Villaverde Cabral. Lisboa: Editorial Bizâncio, 417-460.
- Alves, Manuel Valente. 2014. *História da Medicina em Portugal. Origens, Ligações e Contextos*. Porto: Porto Editora.
- Beck, Ulrich. 1992. *Risk Society – Towards a New Modernity*. Londres: Sage Publications.
- Beck, Ulrich. 2000. «A reinvenção da política. Rumo a uma teoria da modernização reflexiva». In *Modernização Reflexiva*, org. Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lash. Oeiras: Celta, 1-51.
- Beck, Ulrich, Anthony Giddens, e Scott Lash. 2000. *Modernização Reflexiva*. Oeiras: Celta.
- Bourdieu, Pierre, e Jean-Claude Passeron. S. d. *A Reprodução – Elementos para Uma Teoria do Sistema de Ensino*. Lisboa: Vega.
- Brigadeiro, Diana. 2010. «Gravidez na adolescência: a realidade portuguesa – artigo de revisão». Trabalho final do 6.º ano médico, Coimbra, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.
- Carvalho, Cristiana Pereira. 2018. «Educação sexual no contexto escolar e familiar: o contributo de variáveis pessoais, relacionais e educacionais para a compreensão das vivências sexuais dos jovens». Tese de doutoramento, Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Carvalho, Luís Miguel, e Carla Cibele Figueiredo. 2012. «Configurações de conhecimento e política na regulação da educação». *Educação, Sociedade e Culturas*, 3: 67-88.
- Comissão Europeia. 2020. *Sexuality Education across the European Union: An Overview*. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia.
- Concelho da Europa. 2017. *Women’s Sexual and Reproductive Health and Rights in Europe*. Estrasburgo: Concelho da Europa.
- Diário da República*, I série, n.º 151, 6 de agosto de 2009. Lei n.º 60/2009.
- Dinis, Joana. 2018. «Trajetórias conducentes à interrupção voluntária da gravidez e ajustamento socioemocional». Tese de doutoramento, Coimbra, Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra.
- Elias, Norbert. 1987. *El proceso de la civilización: investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.
- Elias, Norbert, e Eric Dunning. 2019 [1969]. «A busca da excitação no lazer». In *A Busca da Excitação: Desporto e Lazer no Processo Civilizacional*, Norbert Elias e Eric Dunning. Lisboa: Edições 70, 157-200.
- Ferreira, Tatiana, Maria Manuel Vieira, Duarte Vilar, Vanessa Cunha, e Paulo Pelixo. 2022. «Jovens e educação sexual. Conhecimentos, fontes, recursos». Relatório Preliminar. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. [https://www.opj.ics.ulisboa.pt/wp-content/uploads/Relatorio-Jovens-e-Educacao-Sexual\\_VF.pdf](https://www.opj.ics.ulisboa.pt/wp-content/uploads/Relatorio-Jovens-e-Educacao-Sexual_VF.pdf).
- Gaussot, Ludovic, Nicolas Palierne, e Loïc Le Minor. 2016. «Rapport au “boire” et au risque en milieu étudiant: dépassement ou déplacement du genre?». *SociologieS*, 19 de outubro: 1-14. <https://journals.openedition.org/sociologies/5747>.

- Giddens, Anthony. 1991. *Modernity and Self Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Cambridge: Polity Press.
- Giddens, Anthony. 1994 [1991]. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta.
- Gómez-Bueno, Carmuca, Inés González-Calo, e Ainhoa Rodríguez García de Cortázar. 2022. «Sexo sin protección: contradicciones y lógicas de acción». *Revista Española de Sociología*, 31, n.º 4: a133. Disponível em <https://doi.org/10.22325/fes/res.2022.133>.
- Guerreiro, Maria das Dores, e Pedro Abrantes. 2004. *Transições Incertas. Os Jovens perante o Trabalho e a Família*. Lisboa: Direcção-Geral de Estudos, Estatística e Planeamento e Centro de Informação e Documentação.
- Holland, Janet, e Rachel Thomson. 2009. «Gaining perspective on choice and fate». *European Societies*, 11, n.º 3: 451-469.
- Le Breton, David. 2002. «Les conduites à risque des jeunes». *Agora débats/jeunesses*, 27: 34-45.
- Le Breton, David. 2010. «Le goût de la syncope: les jeux d'étranglement». *Adolescence*, 28, n.º 2: 379-391.
- Le Breton, David. 2018. «Ambivalence in the world risk society». *Theory, Culture & Society*, 37, n.º 7-8: 141-156.
- Maia, Marta. 2010. «Práticas de risco no contexto das relações homossexuais». In *Sexualidades em Portugal. Comportamentos e Riscos*, org. Pedro Moura Ferreira e Manuel Villaverde Cabral. Lisboa: Editorial Bizâncio, 387-416.
- Martins, Isabel Pavão. 2023. «Educação médica: desafios para o século XXI e ilações da pandemia COVID19». In *Desafios para o Ensino Superior*, Maria Manuel Vieira e Lia Pappámikail, vol. 3. Funchal: Imprensa Académica, 199-216.
- OMS. 2018. *WHO Recommendations on Adolescent Sexual and Reproductive Health and Rights*. Genebra: Organização Mundial da Saúde.
- Pais, José Machado. 2012. *Sexualidade e Afectos Juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pappámikail, Lia. 2013. *Adolescência e Autonomia. Negociações Familiares e Construção de Si*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pappámikail, Lia, e Maria Manuel Vieira. 2017. «A (in)disponibilidade dos sujeitos como objeto de estudo: reflexões a partir de duas pesquisas com adolescentes». In *Pesquisar Jovens. Caminhos e Desafios Metodológicos*, org. Vítor Sérgio Ferreira. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 33-55.
- Pereira, Henrique, e Natália Pacheco. 2019. «A sexualidade dos jovens universitários portugueses». In *31 Desafios para o Ensino Superior*, coord. Ricardo Martins e Andreia Nascimento, vol. 1. Funchal: Imprensa Académica, 143-153.
- Peretti-Watel, Patrick. 2002. Les «conduites à risque» des jeunes: défi, myopie, ou déni?. *Agora débats/jeunesses*, n.º 27: 16-33.
- Peretti-Watel, Patrick. 2004. «Du recours au paradigme épidémiologique pour l'étude des conduites à risque». *Revue Française de Sociologie*, 45, n.º 1: 103-132.
- Rabot, Jean-Martin. 2011. «De la société du risque aux conduites à risque». *Sociétés*, 4, n.º 114: 107-118.

- Ribeiro, Ana Maria. 2007. «A vantagem escolar das raparigas no secundário: resultados escolares e identidades juvenis numa perspectiva de género». In *Escola, Jovens e Media*, org. Maria Manuel Vieira. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 109-135.
- Sagnier, Laura, e Alex Morell, coord. 2021. *Os Jovens em Portugal, Hoje: Quem São, Que Hábitos Têm, o Que Pensam e o Que Sentem*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Schehr, Sébastien. 2002. «Vers un nouvel individualisme juvénile? L'individualisation réflexive et l'expérience juvénile». *Agora débats/jeunesses*, 27: 46-56.
- UNESCO. 2018. *International Technical Guidance on Sexuality Education. An Evidence-informed Approach*. Paris: UNESCO.
- Van Gennep, Arnold. 1909. *Les rites de passage*. Paris: A. et J. Picard.
- Vieira, Cristina Pereira. 2012. *Eu Faço Sexo Amoroso: A Sexualidade dos Jovens pela Voz dos Próprios*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Vilar, D. 2009. «Contributos para a história das políticas de Saúde Sexual e Reprodutiva em Portugal». *e-cadernos CES online*, 04. <http://journals.openedition.org/eces/203>.